

# Quando os livros morrem vão para o céu

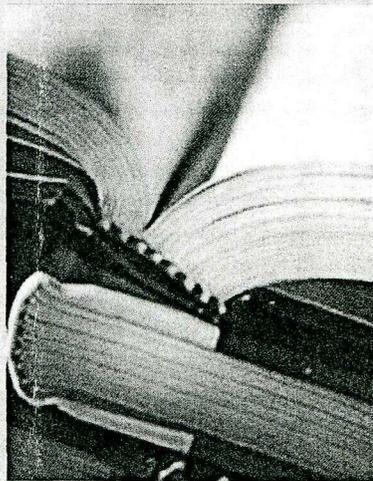
Para onde vão os livros quando morrem? Matthew Battles conta num estudo muito interessante, "A Conturbada História das Bibliotecas" (Editora Planeta, São Paulo, 2003), que, nas antigas sinagogas, os livros irrecuperáveis eram lançados para uma espécie de poço profundo, com uma abertura estreita, a *genizah*, palavra que em hebraico significa receptáculo. O historiador judeu Salomão Schechter explica assim a razão deste procedimento: "Quando o espírito se foi, oculta-se o cadáver para protegê-lo de qualquer tipo de abuso. Da mesma forma, quando a escrita se deteriora, nós escondemos o livro para evitar que seja profanado. O conteúdo de um livro, como as almas, vai para o céu".

Nas montanhas junto a Quetta, topónimo que a recente guerra no Afeganistão tornou famoso em todo o mundo, existe uma intrincada rede de cavernas onde, durante algum tempo, os americanos acreditaram que se escondia Osama Bin Laden. Nestas cavernas repousam largas dezenas de milhares de exemplares do Alcorão, gravemente danificados, cada um deles envolto num pano branco. É um lugar estranho, misterioso, que atrai peregrinos de todos os países islâmicos, os quais se reúnem em oração e reflexão, em meio aos livros mortos.

Penso nisto, naqueles livros mortos, naqueles homens procurando a paz junto a livros mortos, enquanto me esforço por reorganizar a minha

biblioteca. Tenho alguma dificuldade em acreditar na existência de um céu para os livros – até mesmo de um céu para os homens – mas não consigo lançar fora um livro morto. Em primeiro lugar, como sabemos que um livro está morto: quando deixa de respirar, ou quando deixa de nos inspirar?

Matthew Battles lembra que quando, em 1890, a sinagoga do Cairo foi remodelada, os investigadores (e os ladrões de documentos. Por vezes é difícil distinguir uns dos outros) deram com a *genizah* - ali estavam,



**Este é, afinal, a grande vitória dos livros: mesmo depois de mortos ajudam-nos a compreender a vida.**

cobertos de assombro e de poeira, mil anos de história, da grande história e da pequena história, desde simples cartas, listas de compras, encantamentos, amuletos, e livros de exercícios para as crianças, até dicionários, poemas, gramáticas e textos científicos. Salvaram-os o esquecimento, o abandono, enfim, o Paraíso. E foi então que aqueles livros mortos, ou o que restava deles, regressaram à vida, servindo de fonte e de inspiração a todo o tipo de pesquisadores. Foi graças a eles, por exemplo, que Shelomo Dov Goitein publicou o seu famoso estudo, em seis volumes, *A Mediterranean Society*, um extraordinário panorama da vida quotidiana dos judeus na idade média.

Ao arrumar os livros nas estantes do meu novo apartamento encontro romances para adolescentes, manuais escolares, diários, cadernos de apontamentos, que, faz anos, senão décadas, lancei à boca voraz da minha pequena *genizah*. Olho para eles com o mesmo espanto com que Shelomo Dov Goitein se debruçou sobre os velhos papéis da Sinagoga do Cairo. Aquele mundo extinto já foi o meu. Aquela já fui eu. Reconheço, nalguns cadernos muito gastos, a minha própria caligrafia, mas não me lembro das frases. Recupero, pouco a pouco, o meu passado. Saio para a rua mais forte e mais serena. Este é, afinal, a grande vitória dos livros: mesmo depois de mortos ajudam-nos a compreender a vida. x